

AS HABILIDADES LINGÜÍSTICAS DOS REPENTISTAS E SUA RELAÇÃO COM O NÍVEL DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

ANTONIO ROAZZI*
GILDA GUIMARÃES DE OLIVEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

EM COLABORAÇÃO COM PETER E. BRYANT E ANN DOWKER**
UNIVERSITY OF OXFORD

RESUMO

O presente estudo investiga habilidades de consciência fonológica entre sujeitos repentistas e não-repentistas. Num estudo anterior nesta mesma área Roazzi, Dowker & Bryant (no prelo) encontraram uma habilidade superior dos repentistas em produzirem rimas em relação aos não-repentistas; além de apresentarem uma velocidade superior na produção da primeira rima. Ao contrário, na tarefa de consciência fonológica -- adição e subtração de fonemas -- os dois grupos de sujeitos não diferiram de modo significativo. A partir destes resultados, os autores concluíram que as habilidades dos repentistas parecem ser, ao mesmo tempo, altamente desenvolvidas e especializadas, corroborando o ponto de vista de que possa haver dissociações entre rima e algumas outras habilidades lingüísticas como a segmentação fonológica. Ao se interpretar esta falta de diferenças em uma tarefa de consciência fonológica é necessário algum cuidado, porque um efeito de quase-teto pode ter obscurecido as reais diferenças entre os dois grupos. Procurando controlar esse efeito teto na tarefa de consciência fonológica, neste estudo sujeitos repentistas e não-repentistas foram avaliados em uma série de tarefas deste tipo com diferentes níveis de dificuldade. Os resultados mostram que as diferenças entre repentistas e não-repentistas aparecem somente nas tarefas de consciência fonológica que envolvem análises fonêmicas e que envolvem, de certa forma, a parte final da palavra. No final são discutidas as possíveis explicações destes resultados para uma melhor compreensão das pesquisas nesta área.

* Endereço para correspondência: Antonio Roazzi, Departamento de Psicologia, Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas - 8º andar, Cidade Universitária, 50.739 Recife - Pe. Telefone: (081) 271.05.99. Fax: (081) 271.18.43.

** Este artigo é a descrição preliminar dos resultados de uma investigação em andamento em colaboração com Prof. Peter E. Bryant e Dr. Ann Dowker da University of Oxford, Inglaterra.

RESUMO

This study investigates awareness abilities in repentistas and non-repentistas. In a previous study Roazzi, Dowker & Bryant (in press) found that repentistas produced a larger number of rhymes than non-repentistas, and were quicker to produce the first rhyme. Conversely, in the addition and subtraction phoneme task, the two groups of subjects did not present any significant differences. From these results the authors concluded that repentistas's abilities seem to be at the same time both highly developed and highly specialized, supporting the view that there may be differences between rhyme and other linguistic abilities, such as phonological segmentation. In interpreting this lack of differences in a task of phonological awareness, it is necessary to be cautious because a ceiling effect may disguise the real differences between the two groups. This ceiling effect was controlled for in this study. Repentistas and non-repentistas were tested in a series of phonological awareness tasks with different levels of difficulty. Results show that differences between repentistas and non-repentistas appear only in phonological awareness tasks which involve both phonemic analysis and the final part of the word. In the end the possible exploration of the results are discussed for a clearer understanding of research in this area.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem-se assistido a um renovado e geral interesse, por parte de pesquisadores cognitivos, sobre os processos de leitura e escrita. De fato a leitura é, sem dúvida, uma das habilidades cognitivas mais importantes e complexas em nossa cultura ocidental. Sua importância nos últimos anos levou muitos pesquisadores a focalizarem suas atenções sobre os problemas de leitura que devido à sua complexidade tem sido estudada usando um grande número de técnicas e métodos. Estes estudos extensivos têm levado à elaboração de novos modelos explicativos, novos paradigmas experimentais e novos aspectos a serem investigados nesta área. Mais especificamente, muitas pesquisas foram executadas com o objetivo de evidenciar a relação entre consciência fonológica e o desenvolvimento da leitura e da escrita (e.g., Byrne & Ledez 1983; Nesdale, Herriman & Tunmer, 1984; Liberman, Shankweiler, Liberman, Fowler & Fisher, 1977; Roazzi & Dowker, 1989; Roazzi & Carvalho, 1991, submetido).

Alguns autores consideram que a consciência fonológica seja um precursor da leitura (Bradley & Bryant, 1983; Lundberg, 1978; Olofsson, 1985; Olofsson & Lundberg, 1985; Saywitz & Wilkinson, 1982; Tunmer & Bowey, 1984). As investigações que fornecem evidências a esta posição são muitas e têm constatado a existência de altas correlações estatísticas entre os resultados obtidos em tarefas para avaliar habilidades metalingüísticas como a consciência fonológica e a consciência sintática e os resultados obtidos em tarefas de leitura -- decodificação e compreensão.

Ao mesmo tempo, existem também evidências apontando os efeitos da leitura em tarefas que envolvem a consciência fonológica; estes estudos mostram como desempenhos positivos em provas de consciência fonológica aumentam de forma progressiva com a aprendizagem da leitura e da escrita (Alegria & Morais, 1979; Mann, 1986; Alegria, Pignot & Morais, 1982; Read, Zhang, Nie & Ding, 1986). Esta constatação tem levado vários autores a hipotetizar a existência de uma capacidade potencial de análise da palavra que se realizará plenamente quando o sujeito se defronta com a resolução de problemas, como a aprendizagem da escrita alfabética, que necessitam, para serem resolvidos, da segmentação fonética.

A partir das evidências contrastantes acima apontadas, torna-se claro que a controvérsia sobre o papel da consciência metalingüística no desenvolvimento de futuras habilidades lingüísticas e de leitura ainda está longe de ser compreendido em seus detalhes. É necessário um maior número de investigações, não somente com metodologias e amostras diferentes das utilizadas até agora, mas também com controles experimentais mais sofisticados, para melhor compreendermos esta relação leitura/consciência fonológica.

Por exemplo, Bowey & Patel (1988) têm afirmado que é preciso tomar cuidado ao interpretar as correlações entre consciência fonológica e leitura como provas de suporte para hipótese que a primeira seja um pré-requisito da segunda. De fato, na investigação destes autores, as medidas de consciência lingüística não contribuíram de forma independente para a previsão estatística da variância das respostas nas provas de leitura, se eram controlados estatisticamente os efeitos de outras habilidades lingüísticas, como a consciência e o vocabulário. Os autores sugerem, portanto, que para melhor compreendermos o desenvolvimento de habilidades metalingüísticas precisamos reconsiderá-las em um quadro mais amplo do desenvolvimento lingüístico e cognitivo. Aos 6 anos de idade, período no qual a criança começa a ser alfabetizada, ela passa por uma série de novas experiências fora e sobretudo dentro da escola. A criança não só aprende a ler e escrever mas passa por toda uma série de ensinamentos lingüísticos mais explícitos: o envolvimento em tipos de discussões mais complexas e formais com adultos e outras crianças, a exposição a textos -- falados e escritos -- novos, mais sofisticados, a confrontação com toda uma série de problemas que implicam a utilização de instrumentos etc.

Conscientes de todos os problemas e questões acima apontadas, de cunho não só teórico mas também metodológico, no presente estudo investigamos habilidades de consciência fonológica entre sujeitos repentistas e não-repentistas de um mesmo nível sócio-econômico que não apresentam diferenças na leitura e na escrita. Um estudo com esse tipo de amostra torna-se importante dado que nosso interesse está voltado mais especificamente para os reflexos da prática do repente no desenvolvimento de habilidade de consciência fonológica.

Em estudo anterior com uma amostra muito parecida, Roazzi, Dowker & Bryant (no prelo - a,b) resolveram confrontar o problema da relação leitura/consciência fonológica comparando, em tarefas de consciência metalingüística, sujeitos oriundos de

um nível sócio-econômico igual, em geral baixo, e portanto, com um nível de escolarização também baixo, mas com experiências lingüísticas diferentes por causa da profissão exercida (repentistas vs. não-repentistas). Os 'repentistas', 'violeiros' ou 'cantadores', como em geral são chamados, podem ser definidos como poetas de rua que compõem poemas a partir de um tema qualquer dado, seguindo formas e regras poéticas características muito sofisticadas. Estes cantadores se apresentam individualmente ou em duplas, geralmente em festas populares, quando realizam competições ou 'pelejas' demonstrando habilidade e destreza na poesia.

As questões básicas que estes autores colocavam a partir da realização dessa investigação com esse tipo de amostra eram: Se as habilidades em lidar com rimas possuem efeitos positivos no desenvolvimento da consciência fonológica e, conseqüentemente, facilitam a aprendizagem da leitura (Bryant & Bradley, 1985), quais os efeitos de possuir estas habilidades de forma excepcional como no caso dos repentistas? Será que os repentistas, pela própria atividade que exercem na produção e criação de rimas, possuem também uma consciência fonológica superior em comparação com sujeitos sem este tipo de experiência?¹.

Os resultados dessa primeira investigação, realizada por Roazzi, Dowker & Bryant (no prelo - a,b) devem ser encarados prioritariamente como exploratórios. Encontrou-se uma habilidade superior dos repentistas em produzir rimas em relação aos não-repentistas; além disso apresentam uma velocidade superior na produção da primeira rima. Este resultado levanta a questão se esta habilidade como rimar é altamente específica e se esta extensa e profunda experiência na produção de rimas os torna também altamente sensíveis e hábeis em outras capacidades fonológicas como a aliteração tanto na produção como na detecção. Um resultado neste sentido encontra respaldo em uma série de dados da literatura que apontam nesta direção (Morais, 1988; Dowker, 1989; Bryant, MacLean, Bradley & Crossland, 1990).

Ao contrário, na tarefa de consciência fonológica -- adição e subtração de fonemas -- os dois grupos de sujeitos não diferiram de modo significativo. A partir destes resultados, os autores concluíram que as habilidades dos repentistas parecem ser, ao mesmo tempo, altamente desenvolvidas e especializadas, corroborando o ponto de vista de que possa haver dissociações entre rima e algumas outras habilidades lingüísticas como a segmentação fonológica.

Ao se interpretar esta falta de diferenças em uma tarefa de consciência fonológica é necessário algum cuidado, porque um efeito de quase-teto seguramente

¹ Uma investigação desse tipo possui importantes implicações metodológicas. De fato, se os resultados sugerem que a habilidade dos repentistas em produzir rimas é uma habilidade altamente contextualizada, que não possui nenhum reflexo, tanto na consciência fonológica como na leitura, as implicações a nível educacional são bem difíceis de serem estabelecidas. Se, por outro lado, a conexão entre rimas e consciência fonológica for diretamente proporcional, ou seja, se o fato de possuir habilidades inusitadas em rimar implica também em possuir uma consciência fonológica fora do comum, as implicações a nível educacional se tornam evidentes. Dado que a consciência fonológica facilita a aprendizagem da leitura, e a rima é um pré-requisito para o desenvolvimento da primeira, o ensino da leitura se beneficiaria pelo introdução de técnicas do repentismo em sala de aula.

obscreceu as reais diferenças entre os dois grupos. Procurando controlar esse efeito teto na tarefa de consciência fonológica, neste estudo sujeitos repentistas e não-repentistas foram avaliados em uma série de tarefas deste tipo com diferentes níveis de dificuldade.

Uma investigação deste tipo se justifica pelo fato de fornecer não só subsídios para esclarecer a relação entre consciência fonológica e leitura, mas também pelo fato de não existirem pesquisas com adultos e muito menos com sujeitos que possuem habilidades excepcionais em produção lingüística, como é o caso dos repentistas. Além do mais, esta forma de manifestação cultural como o repentismo pode 1) mostrar que a instrução formal na aprendizagem de uma língua não é indispensável no desenvolvimento da habilidade de construções fonológicas, seja esta limitada ou crua, ou apresentando um grande rigor e sofisticação ; 2) se construir em uma maneira de desenvolver a consciência fonológica, sendo uma forma alternativa no caminho convencional que consiste no treinamento através da leitura. Talvez a experiência de compor poesias orais possa desenvolver tanto a consciência fonológica como também a consciência lingüística geral, contribuindo para a subsequente habilidade de leitura, não só em crianças como também em adultos não escolarizados que iniciam um curso de alfabetização.

MÉTODO

SUJEITOS

A amostra investigada foi formada por 41 sujeitos, de nível sócio-econômico baixo, a maioria do Estado de Pernambuco. Deles, 22 eram repentistas e 19 eram não-repentistas, mas de um contexto sócio-educacional semelhante. Os repentistas eram, em média, um pouco mais velhos do que os não-repentistas. A média de idade dos repentistas era 40.32 (desvio padrão DP 14.36) e a dos não-repentistas era 37.16 (DP 7.98). Na Tabela 1 é apresentada a distribuição dos repentistas e não-repentistas de acordo com o nível de escolaridade.

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE ACORDO COM O NÍVEL DE ESCOLARIDADE

| GRUPO | 1º grau incompleto | 1º grau completo | 2º grau incompleto | 2º grau completo |
|-----------------|--------------------|------------------|--------------------|------------------|
| REPENTISTAS | 4 | 7 | 8 | 3 |
| NÃO REPENTISTAS | 5 | 6 | 6 | 2 |

O escore médio em um teste de Q.I. não verbal -- as Matrizes Progressivas de Raven - forma especial (Raven, 1987) -- foi bastante parecido, 22.76 (DP 7.71) para os repentistas e 25.05 (DP 5.32) para os não repentistas; de fato, esta diferença não é significativa ($E(1,37) = 1.13$; $p = n.s.$). O escore parece ser uma medida mais apropriada que o percentual, já que as normas percentuais foram provavelmente obtidas pela padronização do teste em populações bastante diferentes das que estão sendo estudadas aqui. É importante ressaltar que no estudo anterior realizado por Roazzi, Dowker & Bryant (no prelo) tinha sido encontrada uma diferença bastante significativa a favor dos sujeitos não-repentistas. O problema tinha sido controlado através do uso da medida de Q.I. como covariada nas outras tarefas. Nesta nossa amostra este problema não existe.

Os sujeitos foram também avaliados em suas habilidades de memória verbal. A tarefa consistia em repetir frases apresentadas pelo experimentador (ver tarefa de controle 2 descrita abaixo). A média de frases repetidas de forma correta foi idêntica - 10 tanto para os repentistas (DP 2.00) como para os não-repentistas (DP 1.25) [$F(1,39) = 0,00$; $0 = n.s.$]. Assim, os repentistas e não-repentistas não diferiram no que se refere à memória imediata de frases.

Então, considerando que estas duas tarefas de controle não apresentam diferenças entre as duas amostras comparadas, possíveis diferenças encontradas nas outras medidas de consciência fonológica serão muito mais confiáveis.

PROCEDIMENTO

Os dados foram coletados através de testes individuais. Cada pessoa era testada em entrevistas previamente combinadas, em casa, em um lugar onde os testes pudessem ser executados sem risco de excessiva perturbação. A entrevista durava cerca de 60 minutos. No começo, a pessoa era entrevistada acerca de detalhes da sua experiência educacional, que, na maioria dos casos, não tinha seguido um caminho convencional contínuo, mas tinha sido fragmentada e interrompida.

As tarefas dadas foram:

TAREFAS DE CONTROLE

1. TESTES DE INTELIGÊNCIA:

Com o objetivo de eliminar a possibilidade da interferência de habilidades intelectuais no desempenho dos repentistas nas tarefas de consciência fonológica e nas tarefas de leitura e escrita, os sujeitos foram avaliados no teste Matrizes Progressivas de Raven - forma especial (Raven, 1987). O teste foi administrado e avaliado de acordo com as instruções especificadas no manual.

2. MEMÓRIA VERBAL:

Os sujeitos foram avaliados nesta tarefa para detectar a possível influência da memória nas tarefas de consciência fonológica de leitura e escrita. *"Agora eu vou te dizer algumas frases e gostaria que você repetisse exatamente como eu disser. O experimentador fala: Ontem choveu muito. Agora repita"*. Se o sujeito parafrasear, o experimentador corrige e dá outro exemplo. Em seguida ele deve imitar as frases abaixo sem sofrer mais correções.

- 1 - Maria comprou frutas.
- 2 - João vai encontrar o que precisa.
- 3 - Ele bebeu um copo de água gelada.
- 4 - Luiz está aqui para jogar futebol com vocês.
- 5 - Pedro trouxe um cachorro grande no seu carro.
- 6 - Você e Alice nunca sabem o que trazer.
- 7 - Eu penso que a gente podia ficar uma semana com Lucas.
- 8 - Eu pensei que o gato preto pertencia a vocês.
- 9 - Ana foi para o Rio no mesmo navio que Marcos.
- 10 - João abriu uma lata de leite enquanto Paulo comia carne com ovos.
- 11 - Fernando decidiu que ia voltar para casa e terminar de pintar as paredes de José.
- 12 - Carlos bebeu o leite porque ele gosta de brincar com Luis quando está em casa.

TAREFAS DE LEITURA LEITURA E ESCRITA DE PALAVRAS

Para avaliar o nível de desenvolvimento da leitura e escrita foram elaboradas duas tarefas, propostas da seguinte forma:

- Tarefa 1: Leitura em voz alta de uma lista de palavras escritas em letra de imprensa maiúscula, cronometrando o tempo de leitura das palavras, para determinar as estratégias utilizadas na leitura, independente da atividade de escrita.
- Tarefa 2: Escrita de uma lista de palavras (utilizando lápis e papel). Essa tarefa foi proposta com o objetivo de determinar as estratégias utilizadas na escrita.

Devido à realização de duas tarefas de escrita em uma mesma entrevista, foram elaboradas duas listas equivalentes quanto ao número e ao tipo de palavras. A utilização de apenas uma lista poderia interferir no desempenho da segunda atividade de escrita, pela repetição das palavras. Cada lista é composta por palavras e não-palavras que variam quanto ao número de sílabas (monossílabo ou polissílabo) e o grau de dificuldade (CV - V - CVC).

Metade dos sujeitos eram avaliados na tarefa de leitura através da lista 1 e na escrita através da lista 2, enquanto a outra metade era avaliada de forma inversa na tarefa de leitura através da lista 2 e na tarefa de escrita através da lista 1 (Tabela 2).

TABELA 2 - AS DUAS LISTAS (1 E 2) DE PALAVRAS COM SENTIDO E SEM SENTIDO UTILIZADAS NAS TAREFAS DE LEITURA E ESCRITA

| | LISTA 1 - PALAVRAS: | | LISTA 2 - PALAVRAS: | |
|----|---------------------|-------------|---------------------|-------------|
| | COM SENTIDO | SEM SENTIDO | COM SENTIDO | SEM SENTIDO |
| 1) | pato | vico | sapo | fuco |
| 2) | pé | có | pá | té |
| 3) | médico | xelane | rápido | balide |
| 4) | abacaxi | patambi | patinete | tampi |
| 5) | pente | micano | dente | pacilo |
| 6) | maçã | tupiã | anã | ecuã |
| 7) | timbu | xucupu | bambu | salemu |

TAREFAS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA TAREFAS DE INVERSÃO

Nestas tarefas foram verificadas as habilidades de detectar e manipular fonemas e sílabas.

a) TAREFA DE INVERSÃO DE FONEMAS:

Esta tarefa é composta por duas versões:- palavras com sentido que ficarão sem sentido (ou não-palavra) quando invertidas e palavras sem sentido que permanecerão sem sentido quando invertidas. Para cada versão foram escolhidas 6 palavras monossílabas constituídas de CVC.

Eu vou pegar uma pequena palavra formada de três letras, por exemplo "PAR" e vou colocá-la ao contrário. Veja como fica: "RAP". Vou falar agora outra palavra: "VEZ"... (mesma instrução e procedimento).

Agora é sua vez. Eu falo uma palavra e você repete ao contrário. Vamos começar? (o examinador diz então) 'SER', 'DAS'.

Em seguida, o examinador prossegue com as palavras do exame propriamente dito, repetindo a instrução-treino, caso necessário, sem palavras porém nas respostas dadas pelo examinando. A relação das palavras para o grupo Palavra-Não palavra é: VIR - DEZ - DOR - GIZ - GAZ - COR. Para o grupo Não palavra-Não palavra é: DAP - GOR - TIR - BES - DUV - FAR.

b) TAREFA DE INVERSÃO DE SÍLABAS:

Esta tarefa constitui-se de 28 palavras organizadas (não-palavra) quando invertidas - CS-SS; 2) palavras com sentido que permanecerão com sentido quando invertidas - CS-CD; 3) palavras sem sentido que ficarão com sentido quando invertidas - SS-CS; 4) palavras sem sentido que permanecerão sem sentido quando invertidas -SS-SS.

Eu vou dizer uma palavra (casa) e vou colocar o segundo pedaço (sílabas) na frente do primeiro. Então, vai ficar "saca".

Vou fazer com outra palavra (gato)... (mesma instrução e procedimento).

Agora é a sua vez. Eu digo uma palavra e você coloca os pedaços ao contrário. Por exemplo, 'taco', 'mebi', 'doce', 'lepe'

Após as palavras-treino, o examinador prossegue com as palavras-exame. O examinador repetirá as instruções só se for necessário, mas não interferirá nas respostas do examinando. Na tabela 3 são apresentados os quatro grupos de palavras.

TABELA 3 - OS QUATRO GRUPOS DE PALAVRAS UTILIZADAS NA TAREFA DE INVERSÃO DE SÍLABAS

| Com sentido tornando-se | | Sem sentido tornando-se | |
|-------------------------|-------------|-------------------------|-------------|
| Sem Sentido | Com Sentido | Com Sentido | Sem Sentido |
| foca-cafo | capa-paca | velé-leve | taja-jata |
| fita-tafi | toma-mato | lecá-cale | femo-mofe |
| bode-debo | pato-topa | nôfi-fino | lano-nola |
| grama-magra | cabo-boca | dúda-dado | mego-gome |
| pelo-lope | gola-lago | labó-bola | piva-vapi |
| copo-poco | caja-jaca | boná-nabo | rada-dara |
| galo-loga | vaca-cava | xôli-lixo | vogo-govo |

TAREFAS DE SEMELHANÇA - DETECÇÃO DE RIMA E ALITERAÇÃO

São ditas aos sujeitos quatro palavras sendo que três compartilham do mesmo fonema (inicial ou final). O sujeito, ao ouvir a palavra, terá que dizer qual delas não possui o mesmo som. A posição dos vocábulos que compartilham do mesmo fonema será randomizada. Busca-se nesses experimentos oferecer aos sujeitos apenas um fonema semelhante evitando-se desta forma outras relações. Dado que o fonema diferente a ser detectado pode ser apresentado ou no início ou no final da palavra, foram elaboradas duas tarefas específicas em função desta variável: tarefa de percepção

de semelhança da vogal no final da palavra e tarefa de percepção de semelhança da consoante no início da palavra.

a) DETECÇÃO DE RIMA: SEMELHANÇA DE FONEMA FINAL - VOGAL

A tarefa foi introduzida da seguinte forma:

Eu vou te dizer algumas palavras e gostaria que você me dissesse qual delas termina diferente das outras. Você preste bem atenção para descobrir qual é o nome que termina, que tem o final, com um som diferente. Todos os nomes terminam com o mesmo som, mas tem sempre um que termina com o som diferente e você precisa me dizer qual é. Preste atenção que a palavra com o som diferente pode estar em qualquer uma das quatro posições.

Treino: - casa bola perna urso (pode ser corrigido)

- | | | | | | | | |
|-----------|-------|------|-------|-----------|-------|-------|-------|
| 1 - ninho | dado | cama | bolo | 4 - tatu | caju | peru | robô |
| 2 - café | boné | pião | chulé | 5 - tampa | ninho | bruxa | folha |
| 3 - balde | peixe | jipe | mola | 6 - tigre | fogo | carro | suco |

b) DETECÇÃO DE ALITERAÇÃO: SEMELHANÇA DE FONEMA INICIAL - CONSOANTE

A tarefa é introduzida da seguinte forma:

Agora o jogo vai mudar um pouco. Eu vou lhe dizer outras palavras e você precisa dizer qual a que começa com o som diferente. Preste bem atenção. Todas começam com o mesmo som, só uma começa com um som diferente e você precisa descobrir qual é. Preste atenção que a palavra com o som diferente pode estar em qualquer uma das quatro posições.

Treino - copo cama cubos peixe (pode ser corrigido)

- | | | | | | | | |
|------------|------|--------|-------|-----------|-------|--------|-------|
| 1 - faca | sino | flores | ferro | 4 - bule | boca | bichos | homem |
| 2 - sabão | sofa | siri | anel | 5 - laco | nuvem | luva | leite |
| 3 - mulher | maca | dedal | melão | 6 - lápis | peixe | porco | pena |

c) DETECÇÃO DE RIMA: SEMELHANÇA DE SÍLABA FINAL VOGAL CONSTANTE

Agora o jogo vai mudar de novo. Eu vou lhe dizer outras palavras mas agora você precisa dizer qual é a que termina com o som um

pouco diferente. Preste bem atenção! Dois nomes terminam com o mesmo som e só um termina com um som um pouco diferente e você precisa descobrir qual é.

Treino: - pera cara tinta (pode ser corrigido)

- | | |
|----------------------|----------------------|
| 1 - lago fogo dedo | 4 - burro carro foto |
| 2 - bruxa onça calça | 5 - chave bote pente |
| 3 - casa bota mesa | 6 - vela bota mala |

CONSOANTE CONSTANTE

Agora vai ser um pouco diferente. Vamos ver se você descobre qual é a palavra diferente

Treino: - vela galo bolo (pode ser corrigido)

- | | |
|---------------------|----------------------|
| 1 - lata fita pote | 4 - bote pente rato |
| 2 - porco vaca foca | 5 - jarra bote zorro |
| 3 - fada dedo roda | 6 - vara muro pera |

TAREFA DA LÍNGUA DO "P":

Para esta tarefa utilizou-se uma brincadeira tradicional no Brasil onde as crianças dividem as palavras em sílabas e acrescentam o som "PÊ" no início de cada sílaba, formando assim um código para a comunicação de mensagens "secretas". Pretendeu-se, com isso, verificar a capacidade de segmentação quando dificultada pela interposição de um som estranho à palavra. Foram apresentadas duas listas, uma com sentido outra sem sentido. A tarefa é dividida em duas partes: produção e detecção.

a) Produção:

O E. diz: *"Eu vou falar uma palavra e depois falar esta mesma palavra na língua do "p". Para isto eu coloco o "p" na frente de cada pedaço da palavra. Veja como fica: BOLA (pebo - pela). Vou falar agora outra palavra: CARRO (peca-perro); (mesma instrução e procedimento). Agora é sua vez. Eu digo uma palavra e você a repete na língua do "p". Vamos começar?* (o examinador diz então): *'fala', 'sofá'*. Em seguida, o examinador prossegue com as palavras do exame propriamente dito, repetindo as instruções, caso necessário, sem interferir porém nas respostas dadas pelo examinado. As palavras "com sentido" são: mesa, rato, fogo, belo, roda, magro. Em seguida o E. continua: *Agora eu vou lhe dizer algumas palavras que não significam nada e quero que você faça como antes; ou seja, produzir palavras na língua do "p".* As palavras 'sem sentido' são: suni, cufa, meque, masa, pumi, tule.

b) Detecção

Agora vamos fazer o contrário. Eu falo uma palavra na língua do "p" e você vai descobrir que a palavra é esta (pedo-pece). Neste exemplo a palavra é "doce". Vou falar agora outra palavra: pesa-pepo (mesma instrução e procedimento). Agora é você. Eu falo uma palavra na língua do "p" e você diz que palavra é esta: pepo-pevo, pete-perra, pepe-pena.

Após as duas palavras-treino, o examinador prossegue com as palavras-exame. A relação das palavras 'com sentido' é: petu-pebo, -peco-pelo, peso-pela, pete-pelha, peso-pegro, pema-peta.

Agora eu vou lhe dizer algumas palavras sem sentido e quero que você faça como antes.

A relação das palavras 'sem sentido' é: pesa-pelho, pevu-pete, pefe-peta, pele-pepo, pero-pete, pefe-peba.

TAREFA DE PRODUÇÃO DE ALITERAÇÃO:

Esta tarefa constituiu-se de 9 palavras as quais os sujeitos tinham que lembrar-se de palavras que começam com o mesmo som da palavra dada.

Eu vou falar uma palavra (sapato) e vou procurar o maior número de palavras que começam com o mesmo som, por exemplo: sapo, sacola, sala, etc. Eu vou falar agora outra palavra: rapadura (mesma instrução e procedimento): rádio, raposa, etc.

Agora é a sua vez. Eu falo uma palavra e você me diz o maior número de palavras que tenham o mesmo início da palavra dada. Vamos começar? Tatu-Passarinho

O examinador prossegue com as palavras do exame propriamente dito. Relação das palavras: livro, bola, macarrão, pedra, rosa, sabão, caneta, sola e pente.

RESULTADOS

TAREFAS DE LEITURA E ESCRITA

Todos os sujeitos de ambas as amostras eram capazes de ler e escrever, podendo ser categorizados como alfabéticos tanto na leitura como na escrita. Nenhuma diferença foi também encontrada na medida velocidade de leitura. O número médio de segundos gasto por pessoa para ler as palavras era quase idêntico para os dois grupos, sendo 24,77 (DP 20.72) no caso dos repentistas e 24.84 (DP 12.30) no caso dos não-

repentistas. Assim, havia pouca diferença na velocidade de leitura entre os repentistas e os não-repentistas [$E(1,39) = 0.0002$; $p = n.s.$]. Através desta medida de velocidade de leitura foram formados dois grupos de sujeitos considerando-se a mediana apresentada pelos repentistas e não-repentistas: velocidade rápida e velocidade lenta. O primeiro grupo apresentava uma velocidade de leitura entre 0 e 15 segundos -- 11 repentistas (média 14.00) e 12 não-repentistas (média 14.43) e o segundo grupo apresentava uma média de velocidade entre 16 e 76 segundos -- 10 repentistas (média 33.73) e 7 não-repentistas (média 30.92). Tanto para os repentistas como para os não-repentistas a diferença entre estes dois grupos de leitores foi significativa ($p < .001$). Nas próximas análises de avaliação da consciência fonológica esta variável de Velocidade de Leitura categorizada será utilizada como variável independente juntamente com a variável Grupo (repentista e não-repentistas).

TAREFAS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

A seguir iremos apresentar os resultados obtidos nos três grupos de tarefas de consciência fonológica -- inversão, semelhança e língua do 'p' -- e na tarefa de produção de aliteração. Podemos antecipar que diferenças significativas entre os dois grupos -- repentistas e não-repentistas -- nestas tarefas, principal objeto desta investigação, foi encontrada somente na tarefa de inversão de fonemas.

TAREFAS DE INVERSÃO DE FONEMAS:

Nesta tarefa eram verificadas as habilidades de detectar e manipular fonemas com sentido e sem sentido. Na Tabela 4 são apresentadas as médias e desvio padrão nesta tarefa.

TABELA 4 - MÉDIA E DESVIO PADRÃO DO NÚMERO DE PALAVRAS INVERTIDAS CORRETAMENTE DE ACORDO COM GRUPO, VELOCIDADE DE LEITURA E CONDIÇÃO

| GRUPO | LENTA | | | | RÁPIDA | | | |
|-------------|-------------|------|-------------|------|-------------|------|-------------|------|
| | COM SENTIDO | | SEM SENTIDO | | COM SENTIDO | | SEM SENTIDO | |
| REPENT. | 4.50 | 1.56 | 3.50 | 1.78 | 4.90 | 1.29 | 5.10 | 1.29 |
| NÃO-REPENT. | 2.33 | 1.87 | 1.50 | 1.88 | 4.14 | 1.86 | 3.29 | 2.21 |

Desvio Padrão em letra Itálica

Como é possível observar, os repentistas obtiveram sempre melhores escores do que os não-repentistas, especialmente no grupo de sujeitos que lêem lentamente. Pode ser também observado que a média das palavras invertidas com sentido é superior

a média das palavras sem sentido para ambos os grupos. Esta última observação pode ser constatada nos sujeitos repentistas e não-repentistas com velocidade de leitura lenta. Nos não-repentistas também a média das palavras com sentido é superior à média das palavras sem sentido, mas nos repentistas é verdade o contrário, apesar da diferença ser pequena(.20).

Com o objetivo de verificar estas observações, foi feita uma análise de variância do tipo 2 (Grupo: Repentistas e Não-repentistas) x 2 (Velocidade na leitura: Lenta e Rápida) x 2 (Condição: Palavras com sentido e sem sentido; fato intra-sujeitos) tendo o número de acertos como variável dependente.

Esta análise produziu um efeito principal significativo para as variáveis Grupo [F (1,37) = 11.23; p<.002], Velocidade de Leitura [F (1,37) = 7.74; p<008] e condição [F (1,37) = 7.56; p<.009]. Nenhum efeito significativo de interação foi encontrado. O efeito significativo para Grupo mostra um desempenho dos repentistas (média 4.45) superior aos dos não-repentistas (média 2.58). Ao mesmo tempo, o efeito significativo da variável velocidade de leitura mostra que os sujeitos mais rápidos em leitura (média 4.36) são melhores do que os sujeitos menos rápidos (média 2.96). Enfim, o efeito significativo Condição indica que a inversão da palavras com sentido (média 3.90) é mais fácil do que a inversão das palavras sem sentido (média 3.27).

TAREFA DE INVERSÃO DE SÍLABAS:

Na Tabela 5 são apresentados a média e desvio padrão dos dois grupos de sujeitos de acordo com a velocidade de leitura e as condições na tarefa de inversão de sílabas. O que pode ser observado, antes de tudo, é a falta de diferença entre as médias dos repentistas e não-repentistas. Apesar dos repentistas apresentarem em geral médias mais altas, as diferenças são muito pequenas. Da mesma forma, os sujeitos que lêem mais rapidamente apresentam também médias mais altas do que os sujeitos que lêem menos rapidamente. A diferença que aparece como bem mais marcante é entre as condições onde as sílabas invertidas se tornam palavras, tanto para não-palavra/palavra (N/P) como para palavra/palavra (P/P), para as condições onde as sílabas invertidas se tornam não/palavras, tanto para não-palavra/não/palavra (N/N) como para palavra/não-palavra (P/NP). Isto é, quando a inversão de sílabas gera palavras, tanto a partir de não-palavras como a partir de palavras, o nível de desempenho dos sujeitos é muito superior ao apresentado quando a inversão de sílabas gera não-palavras.

TABELA 5 - MÉDIA E DESVIO PADRÃO DE ACERTOS NA TAREFA DE INVERSÃO DE SÍLABAS DE ACORDO COM GRUPO, VELOCIDADE DE LEITURA E CONDIÇÃO

| GRUPO VEL. LEITURA | N/N | P/N | N/P | P/P |
|--------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| REPENTISTAS | | | | |
| LENTA | 5.09 2.21 | 5.09 2.17 | 5.73 2.15 | 5.36 2.16 |
| RÁPIDA | 6.00 1.49 | 6.10 .99 | 6.30 .82 | 6.60 .52 |
| NÃO-REPENT. | | | | |
| LENTA | 4.52 2.14 | 4.58 1.68 | 4.83 2.21 | 5.33 1.87 |
| RÁPIDA | 5.86 2.19 | 5.86 1.07 | 6.43 .79 | 6.57 .53 |

n = não-palavra p = palavra Desvio Padrão em letra Itálica

Para verificar o nível de significância entre as diferenças entre as médias foi realizada uma Análise de Variância de tipo misto com medidas repetidas na condição Primeira Palavra (2: Palavra e Não-Palavra) e na condição Transformação (2: Palavra e Não-Palavra). O Grupo (2) e Velocidade de Leitura (2) foram os fatores Entre-Sujeitos. Esta análise produziu dois efeitos principais para a variável Velocidade de Leitura [$F(1,36) = 5.57$; $p < .024$] e a condição Transformação [$F(1,36) = 13.41$; $p < .001$]. Nenhum efeito de interação significativo foi encontrado. Este dado mostra como a habilidade de leitura influencia de forma positiva esta tarefa de inversão de sílabas. É importante notar, de qualquer forma, que esta influência é muito mais marcante para os não-repentistas do que para os repentistas. A média dos leitores rápidos foi 6.21 versus a média dos leitores lentos que foi 5.03. Ao mesmo tempo, estes dados mostram como a inversão de duas sílabas para se tornarem algo com significado, uma palavra (média 5.80), é capaz de melhorar significativamente o desempenho dos sujeitos em relação à inversão que se torna algo sem sentido, uma não-palavra (média 5.26). Isto indica que a direção da transformação para algo com sentido ou sem sentido é um fator de peso e não secundário.

TAREFA DE SEMELHANÇA - DETECÇÃO DE RIMA E ALITERAÇÃO

DETECCÃO DE RIMA: SEMELHANÇA DE FONEMA - VOGAL

As medidas na tarefa de detecção de rima, semelhança de fonema final --vogal, apresentam diferenças, apesar destas não serem muito acentuadas entre os dois grupos de sujeitos (para os repentistas 4.41 e para os não-repentistas 3.83). Diferenças podem ser também vistas entre sujeitos rápidos (média 4.69) e sujeitos vagarosos (3.79) em leitura. De toda maneira, a diferença mais acentuada entre as médias pode ser observada somente quando considera-se a interação da variável Grupo x Velocidade de Leitura. Enquanto para os repentistas praticamente não existem diferenças entre leitores rápidos (média 4.40) e leitores lentos (média 4.42), esta diferença é bastante acentuada

no caso dos não-repentistas. As médias para estes dois grupos de leitores são respectivamente 5.17 e 3.17.

Estas diferenças foram averiguadas através de uma análise de variância de Grupo (2: Repentistas e Não-repentistas) e Velocidade de Leitura (2: Lenta e Rápida) como fatores e número de acertos como variável dependente. Esta análise não produziu nenhum efeito principal significativo, mostrando a inexistência de diferenças entre repentistas e não-repentistas como também entre leitores rápidos e lentos. Por outro lado foi encontrado um efeito interativo significativo entre Grupo e Velocidade de Leitura [$F(1,36) = 4.70; p < .037$]. Análise a posteriori através do teste de Tukey mostrou a inexistência de diferenças significativas entre os leitores rápidos e lentos para os repentistas. Os não-repentistas, por outro lado, apresentam uma diferença altamente significativa (diferença entre as médias 2.00; $p < .01$). Além do mais, enquanto os repentistas apresentam um desempenho significativamente superior aos dos não-repentistas no caso dos maus leitores diferença média 1.25; $p < .05$), a diferença entre repentistas e não-repentistas não alcança um nível estatisticamente significativo no caso dos leitores rápidos (diferença média .77).

Esta interação indica a importância da leitura na detecção de rimas para os não-repentistas. O mesmo não é verdade para os repentistas. De fato, a habilidade de leitura não afeta os repentistas. Provavelmente, os repentistas por terem muita prática em lidar com rimas, devido à própria profissão que exercem, resolvem com bastante facilidade esta tarefa independentemente de sua habilidade na leitura.

DETECÇÃO DE ALITERAÇÃO: SEMELHANÇA DE FONEMA INICIAL - CONSOANTE

A diferença entre as médias, na tarefa de detecção de aliteração, semelhança de fonema inicial -- consoante, para os dois grupos de sujeitos são muito menores do que no caso de detecção de rima acima apresentado. As médias dos repentistas e não-repentistas são muito parecidas (para os repentistas 4.68 e para os não-repentistas 4.39). Diferenças pequenas podem ser também encontradas entre leitores rápidos (média 4.94) e lentos (4.29). Também as diferenças entre as médias considerando as duas variáveis, Grupo x Velocidade de Leitura, são pequenas. Estas médias para os repentistas e os não-repentistas, apresentadas antes as médias para os leitores rápidos e lentos para cada grupo, são respectivamente -- 5.00, 4.42, 4.83 e 4.17.

Com o objetivo de averiguar estas conclusões, foi feita uma análise de variância de Grupo (2), Velocidade de Leitura (2) como fatores e número de acertos como variável dependente. Esta análise não produziu nenhum efeito principal e interativo significativo.

DETECÇÃO DE RIMA: SEMELHANÇA DE SÍLABA FINAL - VOGAL CONSTANTE VS. CONSOANTE CONSTANTE

Na Tabela 6 são apresentadas a média e desvio padrão de acertos na tarefa de detecção de rima -- semelhança de sílaba final. Em geral os não-repentistas apresentam médias superiores aos repentistas, mas esta diferença é pequena. Também, é pequena a diferença entre médias de acertos em função da constante da sílaba final ser vogal (média 3.95) ou consoante (média 4.42). A única diferença que apresenta diferenças estatisticamente significativas se refere às médias entre os leitores rápidos (4.92) e lentos (3.71). Estas observações foram confirmadas por uma análise de variância do tipo 2 (Grupo: Repentistas e Não-repentistas) x 2 (Velocidade na Leitura: Lenta e Rápida) x 2 (Condição: Constante Vogal vs. Constante Consoante -- fator Intra) tendo o número de acertos como variável dependente. Esta análise produziu um único efeito principal significativo para a variável Velocidade de Leitura [$F(1,36) = 8.02$; $p < .008$]. Nenhum efeito significativo de interação foi encontrado.

TABELA 6 - MÉDIA E DESVIO PADRÃO DO NÚMERO DE PALAVRAS DETECTADAS CORRETAMENTE NA TAREFA DE DETECÇÃO DE RIMAS -- SEMELHANÇA DE SÍLABA FINAL, DE ACORDO COM GRUPO, VELOCIDADE DE LEITURA E CONDIÇÃO

| GRUPO | LENTA | | RÁPIDA | |
|--------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| | VOGAL | CONSOANTE | VOGAL | CONSOANTE |
| REPENTISTAS | 3.17 2.04 | 3.92 1.97 | 4.70 1.77 | 5.00 .82 |
| NÃO- REPENT. | 3.41 1.62 | 4.33 1.43 | 5.33 .82 | 4.67 1.21 |

Desvio Padrão em letra Itálica

TAREFA DA LÍNGUA DO "P"

Na Tabela 6 são apresentadas a média e desvio padrão dos dois grupos de sujeitos de acordo com a velocidade de leitura e as condições na tarefa da língua do "p". O que pode ser observado, antes de tudo, é desempenho sempre superior dos leitores rápidos (média 4.86) em relação aos leitores lentos (média 3.30). Também pode ser observado um melhor desempenho dos repentistas (média 4.46) em relação aos não-repentistas (média 3.62). Pequenas diferenças podem ser vistas entre produção vs. detecção (médias respectivas 3.92 e 4.16, diferença .24) como também entre palavras com sentido vs. sem sentido (médias respectivas 4.26 e 3.90, diferença .36).

TABELA 6 - MÉDIA E DESVIO PADRÃO DE ACERTOS NA TAREFA DA LÍNGUA DO "P" DE ACORDO COM GRUPO, VELOCIDADE DE LEITURA E CONDIÇÕES TIPO DE LÍNGUA DO "P" E TIPO DE PALAVRAS

| GRUPO VEL. LEITURA | PRODUÇÃO | | DETECÇÃO | |
|--------------------|----------|------|----------|------|
| | CS | SS | CS | SS |
| REPENTISTAS | | | | |
| LENTA | 2.78 | 2.91 | 2.89 | 2.85 |
| RÁPIDA | 5.80 | .63 | 5.00 | .82 |
| NÃO-REPENT. | | | | |
| LENTA | 3.67 | 2.06 | 2.67 | 2.10 |
| RÁPIDA | 4.86 | 2.27 | 4.14 | 2.48 |

CS = com sentido; SS = sem sentido

Desvio Padrão em letra *Itálica*

Para verificar o nível de significância entre as diferenças entre as médias foi realizada uma Análise de Variância mista com medidas repetidas na condição tipo de língua do "p" (2: produção e detecção) e na condição tipo de palavras (2: palavras com sentido [CS] e palavras sem sentido [SS]). O Grupo (2) e Velocidade de Leitura (2) foram os fatores Entre-Sujeitos. Esta análise produziu um único efeito significativo, para a variável Velocidade de Leitura [F (1,34) = 8.92; p < .005]. Este dado mostra a influência da leitura em lidar fonologicamente com palavras através de jogos com a língua do "p". A condição Tipo de Palavras ficou perto de um nível de significância [F (1,34) = 3.35; p = .076]. Esta condição se torna significativa se a análise de variância é calculada sem a variável Velocidade de Leitura [F (1,36) = 4.31; p = .045]. Nenhum efeito interativo significativo foi encontrado.

PRODUÇÃO DE ALITERAÇÃO

Serão discutidos aqui dois aspectos dos resultados da tarefa de produção de aliteração: (a) o número e qualidade de aliterações produzidas e (b) o tempo gasto para produzir a primeira aliteração.

Aliterações produzidas

As aliterações foram classificadas de acordo com 4 critérios cada um recebendo uma pontuação diferente em função do seu nível de sofisticação. O tipo de aliteração mais sofisticado (pontuação 4) implicava em produzir uma palavra que tivesse aliteração na primeira sílaba mais o primeiro fonema da segunda (por exemplo, palavra estímulo: livro - aliteração: livraria); em uma segunda classificação (pontuação 3) implicava somente na primeira sílaba (por exemplo, Palavra estímulo: bola - aliteração: boneca); na primeira classificação (pontuação 2) considerava-se aquelas aliterações onde o sujeito acrescentava no final da primeira sílaba mais um fonema (por exemplo,

palavra estímulo: macarrão - aliteração: martelo); na última classificação eram consideradas as aliterações no primeiro fonema (por exemplo, palavra estímulo: sabão - aliteração: sofá). A partir destes critérios de pontuação, cada sujeito recebia um escore que resultava da somatória da pontuação de cada aliteração produzida.

A partir deste cálculo que considera não somente o número de aliterações como também o seu nível de sofisticação, como é possível ser observado a partir da Tabela 7, os não-repentistas obtiveram escores superiores aos dos repentistas. Da mesma forma os leitores rápidos obtiveram escores mais altos do que os leitores lentos. Estes dados foram analisados através de uma Análise de Variância de Grupo (2), Velocidade de Leitura (2) como fatores e escore na produção de aliterações como variável dependente. Esta análise, apesar das diferenças acima apontadas, não produziu nenhum efeito principal e interativo significativo.

TABELA 7 - MÉDIA E DESVIO PADRÃO DO ESCORE NA PRODUÇÃO DE ALITERAÇÕES DE ACORDO COM GRUPO E VELOCIDADE DE LEITURA

| GRUPO | LENTA | RÁPIDA |
|-----------------|--------------|--------------|
| REPENTISTAS | 99.18 51.96 | 119.80 41.07 |
| NÃO-REPENTISTAS | 126.75 47.59 | 141.86 37.97 |

Desvio Padrão em letra Itália

Tempo gasto para produzir a primeira aliteração.

A Tabela 8 mostra que os leitores rápidos apresentavam tempos médios mais baixos na produção da primeira aliteração que os leitores lentos. O tempo médio para produzir a primeira aliteração foi de 3.00 segundos para os bons leitores e de 5.06 segundos para os mais leitores (diferença 2.06). A diferença entre as média em segundos para produzir a primeira aliteração entre repentistas (média 3.65) e não-repentistas (média 4.73) é bem inferior, 1.08. Estes dados foram analisados através de uma Análise de Variância de Grupo (2), Velocidade de Leitura (2) como fatores e número de segundos para produzir a primeira aliteração como variável dependente. Esta análise produziu um único efeito principal significativo, para a variável Velocidade de Leitura [F (1,31) = 5.33; $p < .029$].

TABELA 8 - TEMPO MÉDIO EM SEGUNDOS GASTO POR PESSOA PARA PRODUZIR A PRIMEIRA ALITERAÇÃO DE ACORDO COM GRUPO E VELOCIDADE DE LEITURA.

| GRUPO | LENTA | RÁPIDA |
|-----------------|-----------|-----------|
| REPENTISTAS | 5.00 2.78 | 2.12 .99 |
| NÃO-REPENTISTAS | 5.11 3.06 | 4.17 1.94 |

Desvio Padrão em letra *Itálica*

DISCUSSÃO

O fato mais importante que pode ser observado a partir das análises acima apresentadas nas várias tarefas de consciência fonológica se refere à diferença encontrada entre repentistas e não-repentistas na tarefa de inversão de fonemas. Em nenhuma outra tarefa foi encontrada uma diferença significativa entre estes dois grupos de sujeitos. Uma questão pode ser colocada: o que torna os repentistas superiores em uma tarefa de segmentação fonêmica que os distingue dos não-repentistas? Uma resposta a esta questão não pode ser inferida a partir destes resultados. De toda maneira, é possível levantarmos suposições que precisariam ser investigadas a posteriori. Uma explicação deste fenômeno pode estar relacionada ao nível de dificuldade da tarefa. A tarefa de inversão de fonemas, entre as outras tarefas aplicadas neste estudo, apresenta um dos maiores graus de dificuldade. O tipo de habilidades exigidas na produção de repentes exige um tipo de análise e consciência fonológica que é possível de ser detectada somente em tarefas que apresentam um certo nível de dificuldade específica. Uma segunda possível explicação refere-se ao fato que a produção de repentes não somente exige uma capacidade de análise do final da palavra (rima), como também uma análise global da palavra, uma vez que a métrica exigida na produção de repente implica neste tipo de análise. Desta forma, provavelmente pelas exigências próprias das regras inerentes à produção de repente, às quais eles devem se ater com extremo rigor para não serem penalizados quando julgados em suas apresentações públicas, os levam a uma consciência fonológica mais aprimorada, o que os colocaria em uma situação de vantagem quando submetidos às tarefas fonológicas, como as de inversão de fonemas utilizadas neste estudo. Outras possíveis explicações poderiam ser oferecidas, mas o mais importante é o ulterior aprofundamento destas habilidades através de outras pesquisas.

Outro aspecto que resulta dos dados desta Investigação refere-se à questão das palavras utilizadas serem com sentido ou sem sentido. De fato, o sentido ou falta de sentido das palavras utilizadas em nossas tarefas de consciência fonológica mostra desempenhar um importante papel. Tanto na tarefa de inversão de sílabas como na

tarefa da língua do "p" nas quais eram utilizados estímulos verbais com sentido e sem sentido, os escores obtidos nas condições de produção de palavras com sentido eram sempre mais altos do que os escores nas condições de produção de palavras sem sentido. Esta tendência individual de preferir algo com significado nos mostra que as pessoas não utilizam somente estratégias fonológicas na solução deste tipo de problema. Esta constatação precisa ser considerada com cuidado no planejamento de ulteriores experimentos nesta área, especialmente na construção de condições diferentes para avaliar habilidades cognitivas. Por exemplo, no estudo de Morais, Cary, Alegria & Bertelson (1979) no qual eram comparados lavradores analfabetos e ex-analfabetos, quando avaliados em tarefas de segmentação e adição de fonemas utilizando palavras com e sem sentido, os analfabetos tiveram um desempenho inferior aos sujeitos ex-analfabetos acentuando-se nas palavras sem sentido. É possível assim que o problema de baixo desempenho dos analfabetos não se referisse somente ao fato de simplesmente ter que adicionar e subtrair fonemas mas ao fato de ter que lidar com palavras sem sentido. Seria portanto necessário que estes sujeitos fossem examinados em tarefas que envolvessem palavras sem sentido sem que fosse necessária uma análise fonética.

Um terceiro ponto a ser salientado pode ser o que Bryant, MacLean, Bradley & Crossland (1990) levantaram. Estes colocam que a rima não deveria ser vista simplesmente como um sinal da consciência fonológica e argumentam que ela é uma capacidade especial que pode ocorrer independentemente de outros aspectos da consciência fonológica. Afirmam que ainda é preciso ser verificado até que ponto isto também pode ser verdadeiro para outras aptidões fonológicas específicas, uma vez que Morais e seus colegas (Cary, Morais e Bertelson, 1987; Morais, 1988) descobriram dois poetas analfabetos portugueses que eram altamente sensíveis à aliteração: de que Dowker (1989) descobriu que a aliteração é freqüentemente um fato na poesia de crianças muito pequenas e de que Bryant, MacLean, Bradley & Crossland (1990) obtiveram resultados sugerindo que a sensibilidade à aliteração seria um melhor preditor da capacidade de leitura do que a sensibilidade à rima. Nesse sentido foi interessante averiguar que os repentistas não diferem dos não-repentistas na sua habilidade para usarem a aliteração. Isso sugere que os repentistas não têm um aumento generalizado da capacidade de produzir e detectar palavras que sejam fonologicamente relacionadas às palavras dadas.

A variável velocidade de leitura mostrou que os bons leitores, na maioria das tarefas, tiveram melhor desempenho que os maus leitores. Nas tarefas de inversão de fonemas e sílabas, de percepção de semelhança da sílaba final (tanto para a situação onde a vogal era constante como para a situação de consoante constante), para a tarefa da língua do "p" e finalmente para o tempo médio de produção da primeira aliteração, sempre os bons leitores obtiveram melhores escores, o que demonstra que existe uma relação entre leitura e capacidade de análise fonológica. No entanto, é preciso ter cuidado com esta afirmação, uma vez que esta relação não se deu com todas as tarefas por nós investigadas, o que sugere que ou esta capacidade de análise é específica para

determinadas situações ou a tarefa de semelhança de consoante inicial e a tarefa de aliteração não são boas medidas desta capacidade fonológica.

É interessante a interação encontrada entre Grupo e Velocidade de Leitura na tarefa de detecção de rima, semelhança de fonema final - vogal. Esta interação indica a importância da leitura na detecção de rimas para os não-repentistas cujo desempenho nesta tarefa de rima está diretamente proporcional com suas habilidades de leitura. O mesmo não é verdade para os repentistas. De fato, a habilidade de leitura não afeta os repentistas que apresentam praticamente médias idênticas. Provavelmente, os repentistas, por terem muita prática em lidar com rimas, devido à própria profissão que exercem, resolvem com bastante facilidade esta tarefa independentemente de suas habilidades na leitura.

Mas existem outras três tarefas de detecção, muito parecidas com esta onde não foram encontradas nenhuma diferença entre grupos como também nenhum efeito interativo significativo. Por que? É interessante refletirmos sobre as diferenças que caracterizam estas tarefas para podermos melhor entender o efeito interativo encontrado entre Grupo e Velocidade de Leitura na tarefa de detecção de rima (semelhança de fonema final - vogal). Em relação a primeira tarefa, a de detecção de aliteração (semelhança de fonema inicial - consoante), temos ao mesmo tempo dois aspectos diferentes: um o fato de ser aliteração e outro da semelhança de fonema ser consoante e não vogal. Um destes dois fatores pode ser o responsável por esta falta de diferença entre estas duas tarefas. Considerando que na tarefa de produção de aliterações não foi encontrada nenhuma diferença entre repentistas e não-repentistas, provavelmente é para este fator aliteração que devem ser dirigidas nossas atenções em termo de responsabilidade. Seria interessante que em um próximo estudo estes dois fatores fossem controlados para podermos melhor compreender o papel desempenhado por cada um destes fatores de forma separada.

Mas, então, se nesta tarefa acima descrita o elemento discriminante era provavelmente o fato de ser uma tarefa de aliteração, como explicar as outras duas tarefas, as de detecção de rima (semelhança de sílaba final - vogal constante vs. consoante constante)? Estas duas tarefas são ambas de rimas. A provável explicação desta diferença pode ser atribuída ao fato desta tarefa envolver sílabas e não fonemas. Tarefas que envolvem sílabas em geral são mais fáceis de serem resolvidas do que tarefas que envolvem fonemas; assim é provável que possíveis efeitos interativos envolvendo repentistas e não-repentistas apareçam somente quando a tarefa que envolve algo com o final da palavra, alcance um certo nível de dificuldade. Por exemplo, considere-se a única diferença encontrada neste estudo entre repentistas e não-repentistas, a de inversão de fonemas. Esta diferença não foi encontrada na outra tarefa de inversão que envolvia sílabas. Estas duas observações juntas corroboram ainda mais a questão do nível de dificuldade para explicar diferenças entre repentistas e não-repentistas em tarefas que envolvem análises fonológicas das partes finais das palavras.

Resumindo, neste estudo, conjuntamente com os resultados do estudo anterior de Roazzi, Dowker & Bryant (no prelo - a.b), se reconfirma, em parte, a especialização

dos repentistas em tarefas diretamente relacionadas com o que eles praticam em seu dia a dia, produzir rimas. Esta habilidade adquirida em níveis inusitados não se estende ou se transfere necessariamente para outras habilidades conexas como aliterações e outras habilidades fonológicas. Somente em uma tarefa fonológica, a de inversão de fonemas, foi possível observar-se um desempenho superior dos repentistas em relação aos não-repentistas. Apesar de termos avançado possíveis explicações deste fato, ainda são precisos posteriores estudos para podermos explicar com mais precisão este fato. Seria interessante, por exemplo, examinar repentistas completamente analfabetos neste mesmo grupo de tarefas de consciência fonológica e comparar seus desempenhos com repentistas com um certo nível de escolarização (amostra deste nosso estudo). Esta comparação nos permitirá inferir com maior exatidão o que pode ser atribuído a escolarização formal ou a prática de produzir repente. Este aspecto será em breve objeto de investigação em nosso programa de pesquisa nesta área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEGRIA, J. & MORAIS, J. (1979). Le développement de l'habilité d'analyse phonétique consciente de la parole et l'apprendissage de la lecture. *Archives de Psychologie*, **47** (183), 251-270.
- ALEGRIA J., PIGNOT, E., & MORAIS J. (1982). Phonetic analysis of speech and memory codes in beginning readers. *Memory and Cognition*, **10**, 451-456.
- BOWEY, L.A. & PATEL, K.R. (1988). Metalinguistic ability and early reading achievement. *Applied Psycholinguistic*, **9**, 367-383.
- BRADLEY, L. & BRYANT, P.E. (1983). Categorizing sounds and learning to read -- a causal connection. *Nature*, **301**, 419-421.
- BRYANT, P. MACLEAN, M.E., BRADLEY, L.L. & CROSSLAND, J. (199) Rhyme and alliteration, phoneme detection and learning to read. *Developmental Psychology*, **26** (3), 429-438.
- BRYANT, P.E. & BRADLEY, L. (1985). *Children's reading problems*. Oxford: Blackwell.
- BYRNE, B. & LEDEZ, J. (1983). Phonological awareness in reading-disabled adults. *Australian Journal of Psychology*, **35**, 175-184.
- CARY, L., MORAIS, J. & BERTELSON, P. (1987). A case study: The metaphonological abilities of an illiterate poet. Poster presented at the 2nd Meeting of the European Society of Cognitive Psychology, Madrid, 7-11 september 1987.
- DOWKER, A.D. (1989). Rhyme and alliteration in poems elicited from young children. *Journal of Child Language*, **16**, 181-202.
- LIBERMAN, I.Y., SHANKWEILER, D., LIBERMAN, A.M., FOWLER, C. & FISCHER, W.F. (1977). Phonetic segmentation and recording in the beginning reader. In A.S. Reber & D.A. Scarborough. (Eds.), *Towards a Psychology of Reading*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum associates.
- LUNDBERG, I. (1978). Aspects of linguistic awareness related to reading. In A. Sinclair, R. Jarvella, & W. Levelt (Eds.), *The child's conception of language* (pp. 83-96). New York: Springer-Verlag.

- LUNDBERG, I., OLOFSSON, A. & WALL, S. (1980). Reading and spelling skills in the first school years predicted from phonemic awareness in preschool children. *Reading Research Quarterly*, **23**, 263-284.
- MANN, V. (1986). Phonological awareness: the role of reading experience. *Cognition*, **24**, 65-92.
- MORAIS, J. (1988). Constraints on the development of phonetic awareness. Trabalho apresentado no 'Symposium on Phonological Processes in Literacy to honour the research of Isabelle Y. Liberman, 39th annual conference of the Orton Society', November 11th, 1988, Tampa, Florida.
- MORAIS J., CARY., ALEGRIA, J. & BERTELSON, P. (1979). Does awareness of speech as a sequence of phones arise spontaneously? *Cognition*, **7**, 323-331.
- NESDALE, A.R., HERRIMAN, M.L. & TUNMER, W.E. (1984) Phonological awareness. In W.E. Tunmer, C. Pratt & M.L. Herriman. (Eds.), *Metalinguistic Awareness in Children: Theory Research and Implications*. Berlin: Springer-Verlag.
- OLOFSSON, A. & LUNDBERG, I. (1985). Evaluation of long term effects of phonemic awareness training in kindergarten: Illustrations of some methodological problems in evaluation research. *Scandinavian Journal of Psychology*, **26**, 21-34.
- OLOFSSON, A. (1985). Effects of the phoneme awareness training in kindergarten on the use of spelling-sound rules in Grade 2. Capitulo da tese de Doutorado: **Phonemic awareness and learning to read: a longitudinal and quasi-experimental study**. Departmente of Psychology, University of Umea, Sweden.
- READ, C., ZHANG, Y., NIE, H. & DING, B. (1986). The ability to manipulate speech sounds on knowing alphabetic reading. *cognition*, **24**, 31-34.
- ROAZZI, A. & CARVALHO, M.R. (1991). Metalinguistic awareness and reading development. Anais do XIV International School Colloquium, Braga, Portugal. De 22 a 27 de Junho.
- _____. (submetido). Leitura e consciência metalingüística: Resultado da aprendizagem da leitura ou pré-requisito? *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*.
- ROAZZI, E. & DOWKER, A. (1989). Consciência fonológica, rima e aprendizagem da leitura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, **5** (1), 31-55.
- ROAZZI, A. (1991) Explicações causais em desenvolvimento cognitivo: A relação entre consciência fonológica e leitura. Em M.L.P. Barbosa Franco & R.M.S. Macedo (Eds.), *Anais do Illo Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico*, pp. 14-26. Aguas de São Pedro, SP, 26 à 30 de agosto de 1990. São Paulo: ANPEPP -- Pós-Graduação em Psicologia PUC/SP.
- ROAZZI, A., DOWKER, A. & BRYANT, P.E. (no prelo - a). A arte do repente e habilidades lingüísticas. *Revista Brasileiras de Estudos Pedagógicos*.
- ROAZZI, A., DOWKER, A. & BRYANT, P.E. (no prelo -b). Phonological abilities of Brazilian street poets. *Applied Psycholinguistics*.
- SAYWITZ, K. & WILKINSON, L.C. (1982). Age-related differences in metalinguistic awareness. In S. Kuczaj, II (Ed.), *Language Development: Vol.2. Language, Thought and Culture*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- TUNMER, W.E. & BOWEY, J.A. (1984). Metalinguistic awareness and reading acquisition. em W.E. Tunmer, C. Pratt & M.L. Herriman (eds.), *Metalinguistic awareness in children*. Berlin: Springer-Verlag.